

LITURATERRA

JACQUES LACAN

Esta palavra se legitima do *Ernout et Meillet: lino, litura, liturarius*. Ela me veio, no entanto, deste jogo de palavra com que se faz o chiste: o trocadilho voltando aos lábios a inversão à orelha.

Este dicionário (remetam-se a ele) me traz auspício por ser fundado em um ponto de partida que eu tomava (partir, aqui é repartir) do equívoco que Joyce (James Joyce, digo) desliza de *a letter* a *a litter*, de uma letra (eu traduzo) a um lixo.

Lembre-se que um mecenas [messe-haine] que queria seu bem, lhe ofereceu uma psicanálise como se oferece uma ducha. E ainda por cima de Jung...

No jogo que evocamos não houve nenhum ganho, indo direto ao melhor do que se pode esperar da psicanálise em seu fim.

Ao fazer liteira da letra, é ainda a São Tomaz que ele volta como sua obra testemunha em toda a sua extensão?

Ou a psicanálise atesta aí sua convergência com o que nossa época acusa de desbridamento do laço antigo com que se contém a poluição na cultura?

Eu tinha bordado isso, como por acaso, um pouco antes de maio de 68, para não faltar neste dia aos perdidos destas afluências que agora desloco onde visito, em Bordeaux. A civilização, lembrei lá como premissa, é o esgoto.

É preciso dizer sem dúvida que eu estava lasso da lata do lixo à qual preguei meu destino. Sabe-se que eu não sou o único, pela parte que me cabe, a confessá-lo.

Confessá-lo, ou pronunciado à maneira antiga, o ter com que Beckett faz balanço ao deve que faz dejetos de nosso ser, salva a honra da literatura e me restabelece o privilégio que eu acreditava manter de meu lugar.

A questão é saber se isso que os manuais parecem exhibir, a saber, que a literatura seja acomodação de restos, tem a ver com a colocação no escrito disso que antes era canto, mito falado, procissão dramática.

Quanto à psicanálise, que ela seja apensa ao Édipo, não a qualifica em nada para se reconhecê-la no texto de Sófocles. A evocação por Freud de um texto de Dostoïewsky não é suficiente para dizer-se que a crítica de textos, até aqui exclusividade do discurso universitário, tenha recebido mais ar da psicanálise.

Aqui meu ensino toma lugar em uma mudança de configuração que se anuncia num slogan de promoção do escrito mais que de outros testemunhos, por exemplo, que seja nos dias de hoje que afinal Rabelais seja lido, mostra um deslocamento dos interesses com o qual eu estou mais de acordo.

Estou como autor menos implicado do que se imagina, e meus *Escritos* é um título mais irônico do que se acredita, pois se trata ora de relatórios, que são função de Congresso, ora, como se diz, de “cartas abertas” nos quais questiono a cada vez um fragmento do meu ensino.

Em vez de me comprometer neste desafio literário com o que se denota o psicanalista em dificuldade de inventar, denuncio a tentativa inevitável de demonstrar a desigualdade de sua prática para motivar o mínimo julgamento literário.

É no entanto surpreendente que eu abra esta coletânea com um artigo que eu isolo de sua cronologia, e que se trata de um conto bem particular, para não poder entrar na lista ordenada das situações dramáticas: aquilo que advém da remessa de uma carta,

é sabido de quem se passam suas devoluções, e de que termos se apóiam para que eu possa dizê-la vinda ao destino, depois dos desvios que ela sofreu, o conto e sua conta se sustentam sem qualquer recurso a seu conteúdo. É mais do que notável que o efeito que ela produz sobre aqueles que pouco a pouco a detêm, possa ser interpretado, argüindo do poder que ela confere, o que eu faço, como uma feminização.

Eis aí uma boa síntese do que distingue a letra do significante que ela carrega. E não se trata de fazer metáfora da epístola. Pois o conto consiste em que passe rápida e sutilmente a mensagem cuja letra faz peripécia sem ele.

Minha crítica, se ela pode ser tomada por literária, só poderia incidir, eu me arrisco, sobre o que Poe prova ser escritor ao formar uma tal mensagem sobre a carta. É claro que ele não diz tal qual, não é insuficientemente dito, é tanto mais rigorosamente do que ele confessa.

Contudo a elisão não poderia ser elucidada tendo como meio qualquer traço de sua psicobiografia: ela seria mais bloqueada ainda.

(Assim, a psicanalista que curetou os outros textos de Poe, aqui se despede de seu trabalho doméstico).

Nem mesmo meu texto poderia se resolver pela minha: o voto que eu formaria, por exemplo, de ser lido afinal convenientemente. Pois ainda será preciso para isto que se desenvolva o que entendo que a carta produz para chegar *sempre* a seu destino.

É certo que, de ordinário, a psicanálise recebe da literatura, se ela toma sua força do recalçamento, uma idéia menos psicobiográfica.

Para mim, se eu proponho à psicanálise a letra como em suspenso, é porque ela mostra aí seu fracasso. E é por aí que eu a esclareço: quando invoco assim as luzes, é para demonstrar onde ela faz *furo*. Sabe-se há muito: nada mais importante em óptica e a mais recente física do fóton se arma disso.

Método por onde a psicanálise justifica melhor sua intrusão: pois se a crítica literária pudesse efetivamente se renovar, seria naquilo em que a psicanálise estivesse presente para que os textos se medissem a ela, o enigma estando de seu lado.

Mas, para aqueles para os quais não é maldizer avançar que, mais do que eles a exercem, são exercidos por ela, pelo menos por ser tomado ainda - entendem mal meus propósitos.

Eu oponho verdade e saber: é a estréia em que imediatamente eles reconhecem seu ofício, enquanto que no banco dos réus, é a verdade deles que espero. Insisto em corrigir minha posição de um saber em fracasso: como se diz, figura em abismo, não é fracasso do saber. Eu ensino então que a gente se crê dispensado de provar qualquer saber.

Seria letra morta que eu tenha posto como título em um desses fragmentos que chamo *Écrits,...*, da letra a instância, como razão do inconsciente?

Não é designar demasiado na letra o que, devo insistir, não está lá de pleno direito, com muita razão, que isso avance? Dize-la média ou então extrema, é mostrar a bifurcação em que se engaja toda medida, mas não há nada no real que não necessite esta mediação? A fronteira certamente a separar dois territórios simbolizando que mesmo para quem a ultrapassa, tem medida comum. É o princípio do *Umwelt*, que reflete do *Innenwelt*. Deplorável, esta biologia que se oferece por princípio: notadamente o fato da adaptação; sem falar da seleção, esta, franca ideologia a se glorificar por ser natural.

A letra não é... litoral propriamente dita, seja figurando que um domínio inteiro faz fronteira ao outro, no que são estrangeiros, até não ser recíprocos?

A borda do furo no saber, não é o que ela desenha. E, como a psicanálise, se, justamente o que a letra diz “ao pé da letra” por sua boca, não lhe era preciso desconhecer, como poderia ela negar que seja este furo que é preciso preencher, ela recorre aí para invocar o gozo?

Resta saber como o inconsciente que eu digo ser efeito de linguagem, no que se supõe a estrutura como necessária e suficiente, comanda esta função da letra.

Mesmo que seja instrumento próprio da escritura do discurso, não a torna imprópria para designar a palavra tomada para uma outra, até mesmo por uma outra, na frase, logo, para simbolizar certos efeitos de significante, porém sem impor que seja nestes efeitos primária.

Um exame desta primariedade não se deve impor, nem supor, porém aquele que da linguagem chama o litoral ao literal.

O que inscrevo com a ajuda de letras, das formações do inconsciente, para recuperá-las do que Freud as formula por ser o que elas são, efeitos de significante, não autoriza fazer da letra um significante, nem afetá-la muito menos de uma primariedade em relação ao significante.

Tal discurso confusional só pode surgir daquilo que me importa. Porém ele me importa em um outro que eu critico, chegada a hora, do discurso universitário, ou seja, do saber posto em uso à partir do semblante.

O menor sentimento que a experiência a que eu conjuro só pode se situar de um outro discurso, tivesse devido salvaguardar de produzi-lo, sem lhe confessar de mim. Que se me poupe, graças a Deus! não me impede de me importar no sentido que acabo de dizer, se me importuno.

Se eu achasse aceitáveis os modelos que Freud articula em um *Esboço* a se abrir em rotas impressivas, eu não teria feito, por isso, metáfora da escrita. Ela não é impressão e isto não desagrada ao bloco mágico.

Quando eu tiro partido da carta 52^a a Fliess, é para ler o que Freud podia enunciar sob o termo que ele forja do WZ, *Wahrnehmungszeichen*, mais próximo do significante, na época em que Saussure não o tinha reproduzido ainda (do *signans* estoico).

Que Freud escreva duas letras não prova mais do que eu digo, que a letra seja primária.

Vou portanto tentar indicar a essência do que me parece produzir a letra como consequência e a linguagem, precisamente daquilo que eu digo: que a habita quem fala.

Seguirei os traços daquilo que uma economia da linguagem permite desenhar, o que promove o que minha idéia que literatura talvez vire literaterra.

Não se impressionem ao me ver proceder a uma demonstração literária, visto que é onde a questão se produz. Em que portanto pode-se afirmar o que é tal demonstração.

Retorno de uma viagem que esperava fazer ao Japão naquilo que em primeiro lugar eu tinha experimentado... de litoral. Que me entendam por meias palavras o que ainda agora do *Umwelt* repudiei como tornando a viagem impossível: de um lado, pois, segundo minha fórmula, assegurando seu real, porém prematuramente, simplesmente devolvê-lo, mas por falta de sorte, impossível a partida, seja pelo menos cantar “Partamos”.

Só notarei o momento em que recolhi uma nova rota a tomá-la daquilo que ela não foi mais como da primeira vez interdita. Confesso, no entanto que não foi por ir ao longo do círculo ártico de avião, que me fez ler o que eu via da planície siberiana.

Meu presente ensaio, na medida em que poderia se intitular um siberiético, não teria acontecido se a desconfiança dos Soviéticos me deixasse ver as cidades até mesmo as indústrias, as instalações militares que fazem tão cara a Sibéria, porém isto só é condição accidental, melhor talvez nomeá-la ocidental, para indicar o acidente de uma acumulação de matar.

Apenas decisiva é a condição litoral, e esta só jogava no retorno por ser literalmente o que o Japão por sua letra não fez sem dúvida um pouco demais, que é justamente o que é necessário para que eu o ressinta, visto que, depois de tudo eu já tinha dito que é aí que sua língua se afeta eminentemente.

Sem dúvida, este demais conserva o que a arte nele veicula: eu diria o fato de que a pintura aí demonstra seu casamento com a letra, mais precisamente sob a forma da caligrafia.

Como dizer o que me fascina nestas coisas que pendem, *kakémono*, que isso se tagarela, pendem nos muros de todo museu, nesses lugares, trazendo inscritos caracteres, chineses por formação, que sei um pouco, porém que, por pouco eu saiba, me permite medir o que se elide na cursiva, onde o singular da mão esmaga o universal, seja propriamente o que eu ensino só se valer do significante: eu não o reencontro mais aí porém, é que eu sou noviço. Aí de resto não sendo o importante, pois mesmo que este singular apóie uma forma mais firme, e acrescente aí a dimensão, a demansão, já disse, a demansão do papeludun, aquela da qual se evoca o que eu instauro do sujeito no Hun-En-Peluce, à qual ele estofa a angústia d'Acoisa, seja o que conoto de *a* minúsculo aqui feito objeto por ser entrada da aposta que se ganha com a tinta e o pincel?

Tal invencivelmente me apareceu, esta circunstância não é pouca coisa: entre-as-nuvens, o escorrimento, único traço a aparecer, para aí operar mas do que indicar o relêvo desta latitude, nisto que da Sibéria faz planície, planície desolada sem nenhuma vegetação senão reflexos, os quais empurram à sombra o que não espelhava.

O escorrimento é feixe do primeiro traço e do que o esvaece. Eu disse: é de sua conjunção que ele se faz sujeito, porém isto se faz em dois tempos. Há necessidade pois que se distinga a rasura.

Rasura de nenhum traço que seja de antes, é o que faz terra do litoral. *Litura* pura, é o literal. Produzί-la é reproduzir esta metade sem par em que o sujeito subsiste. Tal é a façanha da caligrafia. Tentam fazer esta barra horizontal que se traça da esquerda para a direita para figurar um traço, o um unário como caractere, vocês levarão muito tempo para achar de que apoio ela se sustenta, de que suspense ela se interrompe. Para dizer a verdade, é sem esperança para um ocidentado.

É preciso um trem que só se agarre para livrar-se do que quer que seja que lhe risque.

Entre centro e ausência, entre saber e gozo, há litoral que só vira ao literal naquilo em que esta viragem possa tomar o mesmo a todo instante. É unicamente disso que você pode se sustentar em relação ao agente que lhe sustenta.

O que se revela de minha visão do escoamento, ao que aí domina a rasura, é que ao se produzir entre as nuvens, ela se conjuga a sua fonte, que é mesmo às nuvens que Aristófanos me chama de longe para achar o que é do significante: ou seja, o semblante, por excelência, se é de sua rutura que chove, efeito no qual se precipita, o que era matéria em suspensão.

Esta rutura que dissolve o que tinha forma, fenômeno, meteoro, e de quem eu disse que a ciência opera ao desvendar o aspecto, não é também seja o que for por

despedir o que desta rutura faria gozo ao que o mundo como também o imundo, tenha pulsão para representar a vida.

O que do gozo se evoca para que se rompa um semblante, é o que no real se apresenta como escavação.

Do mesmo modo que a escrita é no real o escavação do significado, o que agrada do semblante na medida em que ele faz o significante. Ela não decalca este, mas seus efeitos de língua, o que se forja por quem a fala. Ela só remonta para tomar nome, como acontece com os efeitos entre as coisas que denomino a bateria significante por te-los enumerado.

Mais tarde, do avião viram-se sustentar em isóbaros, seja para desviar de um aterro ou de outros traços normais àqueles cujo declive supremo do relevo se marcava do curso d'água.

Não vi em Osaka como as rodovias se colocam umas sobre as outras como planadores vindo do céu? Além de que lá a arquitetura mais moderna encontra a antiga a se fazer asa, a se abater de um pássaro.

Como o caminho mais curto de um ponto a outro seria mostrado senão das nuvens que o vento empurra na medida em que êle não muda a direção?

Nem a ameba, nem o homem, nem o ramo, nem a mosca, nem a formiga deram exemplo antes que a luz se mostrasse solidária de uma curvatura universal, aquela em que a direita só se sustenta por inscrever a distância nos fatores efetivos de uma dinâmica de cascata.

Só há de direito escrito, como só há medida vinda do céu.

Mas, tanto escrita como medida são artefatos a habitar apenas a linguagem. Como a esqueceríamos se nossa ciência só é operante por um escoamento de pequenas letras e de gráficos combinados?

Sob a ponte Mirabeau certamente, como sob aquela que uma revista que sendo a minha se fez insígnia, a impulsionar esta ponta-orelha a Horus Apollo, sob a ponte Mirabeau, sim, flui a Sena primitiva, e é uma cena tal que pode bater o V romano da hora cinco (cf. O Homem dos lobos) . Mas, também só se goza o que aí chove a palavra da interpretação.

Que o sintoma institui a ordem da qual se revela nossa política, implica de outra parte que tudo o que se articula desta ordem seja passível de interpretação.

É por isso que a gente tem bem razão de colocar a psicanálise como líder da política. E isto poderia não ser absolutamente repouso para o que a política representou até agora, se a psicanálise se revelasse advertida.

Bastaria talvez, se diz isto sem dúvida, que da escrita tirássemos outro partido que da tribuna ou do tribunal, para que se joguem outras palavras a nos fazer o tributo.

Não existe metalinguagem, mas o escrito que se fabrica da linguagem é material talvez com força suficiente para que mudem nossos propósitos.

É possível do litoral constituir tal discurso que se caracterize por não se emitir do semblante? Aí está a questão que só se propõe a literatura dita de vanguarda, a que é feita propriamente do litoral: e que não se sustenta do semblante, mas que nem por isso não prova senão a fissura, a única que um discurso pode produzir, como efeito de produção.

O que parece pretender uma literatura, em sua ambição de lituraterrar, é se ordenar em um movimento que ela chama científico.

Com efeito a escrita tem feito maravilha e tudo indica que esta maravilha não está prestes a cessar.

Entretanto a ciência física se encontra, vai se encontrar reconduzida à consideração do sintoma nos fatos, pela poluição do que do terrestre se chama, sem nenhuma crítica, de *Umwelt*, o meio ambiente: é a idéia de Uexkül behaviourizada, isto é, cretinizada.

Para lituraterrar, eu mesmo, destaco que não fiz na escavação que a imaja nenhuma metáfora. A escrita é propriamente esta escavação e quando falo de gozo, invoco legitimamente o que acumulo do auditório: não menos por aqueles dos quais me privo, pois isso me ocupa.

Gostaria de testemunhar o que se produz de um fato já observado: a saber o de uma língua, o japonês, na medida em que a escrita a trabalha.

Que esteja incluso na língua japonesa um efeito de escrita, o importante é que ele permanece ligado à escrita e que, o que é portador do efeito de escrita seja uma escrita especializada no que em japonês se possa ler de duas pronúncias diferentes: em *on-yomi* sua pronúncia em caracteres, o caractere se pronuncia como tal distintamente, em *kun-yomi* a maneira como se diz em japonês o que se quer dizer.

Seria cômico ver designar-se aí sob o pretexto de que os caracteres são letras, os fragmentos do significante corrente nos rios do significado. É a letra como tal que dá apoio ao significante segundo sua lei de metáfora. É aliás: do discurso que ele a toma no filete do semblante.

Ela é contudo promovida de lá como referente tão essencial quanto qualquer coisa, e isto muda o estatuto do sujeito. Que ele se apóie sobre um céu constelado, e não somente sobre o traço unário, para sua identificação fundamental, explica porque ele só pode apoiar-se sobre o Tu, isto é, sob todas as formas gramaticais das quais o menor enunciado varie as relações de cortesia que implica em seu significado.

A verdade reforça a estrutura de ficção que eu denoto, de que esta ficção seja submetida às leis da cortesia.

Singularmente isto parece implicar o resultado de que não há nada a defender do recalado, visto que o próprio recalado procura se alojar na referência à letra.

Em outros termos o sujeito é dividido como em toda parte pela linguagem, porém um de seus registros pode se satisfazer da referência à escrita e o outro à palavra.

É sem dúvida isto que deu a Roland Barthes o sentimento exaltado que de todo modo o sujeito japonês não faz envoltório de nada. *O Império dos signos*, ele intitula seu ensaio querendo dizer: império dos semblantes.

O Japonês, me disseram, acha ruim. Pois não há nada mais distinto do vazio cavado pela escrita que o semblante. O primeiro é godê sempre pronto a acolher o gozo, ou pelo menos a invocá-lo com seu artifício.

De acordo com os nossos hábitos, nada comunica menos de si do que um tal sujeito que afinal de contas não esconde nada. Ele só lhe manipula: você é um elemento entre outros do cerimonial em que o sujeito se compõe justamente por poder se decompor. *O bunraku*, teatro de marionetes, mostra a estrutura absolutamente ordinária para aqueles a quem dá propriamente seus costumes.

Assim como no *bunraku* tudo o que se diz poderia ser lido por um narrador. É isto o que deve ter aliviado Barthes. O Japão é o lugar onde é mais natural se depender de um ou de uma intérprete, justamente porque ele não necessita de interpretação.

É a tradução perpétua tornada linguagem.

O que espero, é que a única comunicação que tive lá (fora os Europeus com os quais sei manejar nosso mal-entendido cultural), seja também a única que ali como alhures possa ser comunicação sem ser diálogo: a saber, a comunicação científica.

Ela impulsionou um eminente biólogo a me demonstrar seus trabalhos, naturalmente no quadro negro. O fato de que, por falta de informação, eu não compreendi nada, não impede de ser válido o que permanecia escrito lá. Válido para as moléculas das quais meus descendentes se farão sujeito, sem que eu jamais tenha sabido como lhes transmitia o que tornava verossímil, que quanto a mim lhes classifique de pura lógica, entre os seres vivos.

Uma ascese da escrita só me parece poder passar sem rejuntar um “está escrito” que instauraria a relação sexual.

1971